

D. Estado do Rio Grande do Sul
3/3/2000 Pg. 14

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *100. T. J. 2. R. P. P. Class.* *h. 128*



Ricardo Chaves/AE

O índio e o sertanista: idioma tupi e braçadeiras são meios de identificação

Origem de índio encontrado em Minas é desconhecida

ROSANE GARCIA

BRASÍLIA — Mais um índio desgarrado foi resgatado ontem pelo sertanista Sidney Possuelo, coordenador de Índios Isolados da Fundação Nacional do Índio (Funai). O jovem, aparentemente 20 anos, foi localizado há três dias no município de João Pinheiro (MG), a cerca de 350 quilômetros do Distrito Federal, na fazenda Cascalho Rico. O sertanista acredita que ele seja um descendente da nação Auá-Guajá, grupo que vive no Maranhão. Na próxima semana, o índio será levado por Possuelo até a aldeia, na tentativa de identificar sua origem. As braçadeiras e o idioma tupi são os únicos indícios de que o índio seja Guajá, segundo Possuelo.

A Funai foi informada da presença do índio no município mineiro quarta-feira. Segundo a ocorrência policial registrada no Quartel da Polícia Militar de Cana Brava (distrito de João Pinheiro), o gerente da fazenda, Manoel Pereira da Silva, disse que há cerca de um ano havia notado a presença de um estranho nos limites da propriedade. Mas só quarta-feira o índio foi encontrado no seu "tapiri" — acampamento improvisado —, construído a pouco mais de 200 metros da sede da fazenda Cascalho Rico.

Manoel da Silva comunicou o fato à Polícia Militar, que conseguiu capturar o índio. Não foi uma tarefa fácil, principalmente porque o jovem índio não fala uma única palavra de português. No instante em que se viu cercado, assumiu uma postura defensiva. Apontou o seu arco e flexa em direção aos policiais, que conseguiram distraí-lo e o agarraram pelas costas. Mesmo imobilizado, o índio reagiu com uma mordida no braço do policial. A situação foi contornada.

O provável Guajá foi levado ao Quartel da PM e lá chegou a fazer amizade com os detentos, seduzido pelo som de um violão. Ontem pela manhã, o sertanista Sidney Possuelo o levou para a sede da Funai, em Brasília. Na bagagem do índio havia alguns trapos, uma rede bastante desgastada e um chapéu, confeccionado com fibras de babaçu. Encontrado seminu, o jovem recebeu um short preto, uma camiseta amarela e um casaco jeans.

Funai achou 27 em dois anos

BRASÍLIA — Nos últimos dois anos, seis índios e dois grupos, totalizando 27 pessoas foram recolhidos pela Fundação Nacional do Índio, Funai, longe de seus territórios tradicionais. Pelo menos mais três índios da desconhecida nação cauahibi estão desaparecidos no Estado de Rondônia. "Estamos recolhendo restos de povos indígenas que a sociedade não quis preservar", denunciou o sertanista Sidney Possuelo.

Além desses resgates, Possuelo lembra que há nações inteiras — mais de 80 — que ainda vivem completamente isola-

das, sem contato com o mundo dos não-índios, cuja sobrevivência poderá ser ameaçada com a expansão das fronteiras econômicas. "A medida que o desenvolvimento vai avançando no campo, os índios vão morrendo e o que sobre são restos de povos", diz Possuelo.

A identificação de um índio, explica ele, pode ocorrer através do artesanato, corte de cabelo, adornos, tatuagens, marcas corporais e pela língua que fala. Nem sempre uma dessas características é suficiente para identificar sua origem.